

Tratado ameaça exportação brasileira

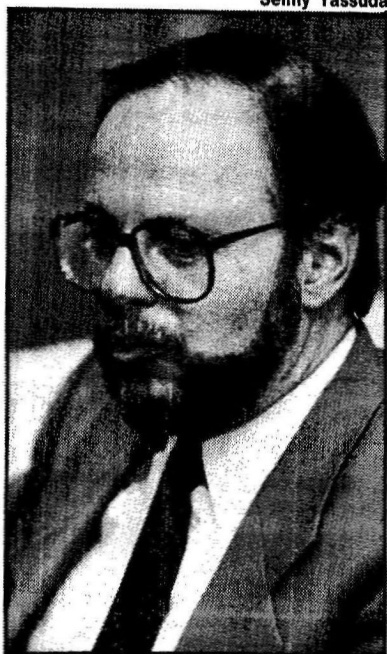
Selmy Yassuda

FÁTIMA CRISTINA

O comércio exterior brasileiro poderá sair perdendo com a implementação do acordo de livre comércio envolvendo os Estados Unidos, México e Canadá, o chamado North Free Trade Agreement (Nafta), basicamente em três setores: têxtil e de vestuário; produtos agropecuários (suco de laranja, carne e talvez açúcar) e automobilístico. A avaliação é de Jeffrey Schott, professor e pesquisador do Institute for International Economics, dos Estados Unidos.

Segundo ele, o impacto negativo sobre as exportações brasileiras, no entanto, poderá ser menor caso os resultados da Roda da Uruguai das negociações do Gatt (Acordo Geral de Tarifas e Comércio) reduzam as barreiras comerciais, já que a medida beneficiaria a todos os países e não somente aos que fazem parte do Nafta.

Jeffrey Schott veio ao Rio a convite do Centro de Estudos Monetários e de Economia Internacional da Fundação Getúlio Vargas (FGV) para participar do seminário sobre os desafios da integração hemisférica, que será realizado hoje no Hotel Sheraton. Especialista em estudos sobre as implicações do Nafta sobre os países latino-americanos, Schott disse que o acordo, que foi firmado na semana passada e deverá entrar em vigor a partir de 1994, prevê duras regras quanto à origem dos produtos têxteis e de vestuário que passarão a ser comercializados na região. Pelos termos do acordo, os produtos terão de ser 100% oriundos do bloco regional.



Schott: acordo prevê duras regras

Segundo o especialista, apenas o Chile, entre os países latino-americanos, está em condições de participar do Nafta, por já ter atingido um estágio de estabilização econômica suficiente para negociar um acordo em bases recíprocas. Os demais, como o Brasil e a Argentina, precisam reforçar suas reformas econômicas.

Schott acredita que o acordo deverá beneficiar consideravelmente o México, acelerando o processo de liberalização do comércio pelo qual o país vem passando desde 1985. Ele lembra que o México já tem boa penetração no mercado americano, com tarifas reduzidas, mas o acordo garante regras estáveis para o acesso mexicano aos Estados Unidos.